

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Ana Maria de Sousa Pereira de Freitas

Centro de Memória da Etec Professor Alcídio de Souza Prado

Orlândia/SP

2022

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Teresa Garbin Machado

Instituição: Centro de Memória da Etec Professor Alcídio de Souza Prado

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Em atendimento ao projeto coletivo “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, foi realizado um levantamento preliminar de ex-alunos que atendiam ao perfil atual de empreendedores, solicitado no projeto. Informações foram coletadas por meio de sondagens efetuadas junto aos coordenadores de área, de diversos cursos, e Diretoria de Serviço Acadêmica da escola, resultando em vários nomes, enfatizando perfis femininos. Inserido nesta sondagem preliminar, Ana Maria de Sousa Pereira de Freitas foi convidada a conceder esta entrevista, por ser ex-aluna na ETESG e ETE Professor Alcídio de Souza Prado, do Ensino de Primeiro Grau (1984 a 1991), e de Técnico em Processamento de Dados (1995 a 1997), além de cursos profissionalizantes de Noções Básicas de Escritório e Datilografia (1990), Curso de Proteção contra Incêndio e Salvamento (1991) e de Pintura e Artesanato, sendo proprietária atualmente da Casa Flora Floricultura, em Orlandia. A seguir, imagens fornecidas pela entrevistada durante seu período escolar:



Fotografia da festa junina da escola, s/d, cedida pela entrevistada.



Fotografia de entrega de certificado do curso de Proteção contra Incêndio e Salvamento (1991), cedida pela entrevistada.



Fotografia em desfile comemorativo, s/d, cedida pela entrevistada.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Teresa Garbin Machado

Local da entrevista: Sala de Coordenação de Área da Etec Professor Alcídio de Souza Prado, em Orlandia.

Data: 18 de agosto de 2022, a partir das 18 horas.

Técnico de gravação: Job Alves Brandão Júnior.

Duração: 55 minutos e 10 segundos.

Número de vídeos: um.

Transcritora: Maria Teresa Garbin Machado.

Número de páginas: 22

Sinopse da entrevista

Esta entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, proposta pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, durante o ano de 2021 e 2022, com a entrevistada Ana Maria de Sousa Pereira de Freitas, por esta possuir o perfil que atende aos requisitos do citado projeto, uma vez que concluiu, em 1991, o Primeiro Grau na ETESG Professor Alcídio de Souza Prado, e Técnico em Processamento de Dados, na ETE Prof. Alcídio de Souza Prado, em 1997. Também concluiu cursos profissionalizantes de Proteção contra Incêndio e Salvamento, Pintura e Artesanato, e Noções Gerais de Escritório e Datilografia, na mesma escola. Atualmente é proprietária da Casa Flora Floricultura (em funcionamento desde 2000), em Orlandia.

Transcrição da entrevista:

Transcritora: Maria Teresa Garbin Machado.

Data da transcrição da entrevista: 30 de agosto de 2022.

Maria Teresa Garbin Machado (MTGM): Olá Ana Maria, sou a professora Maria Teresa, estamos aqui na Sala de Coordenação na escola Alcídio, Etec de Orlandia. e agora são mais ou menos 18 horas. Estou aqui com você, e com o professor Job (Job Alves Brandão Júnior) nosso colega que está nos ajudando na gravação. Convidei você para esta entrevista por conta do Projeto de História Oral que estamos desenvolvendo, que está

focando ex-alunos, que atualmente possuem perfil empreendedor. Então, o ano passado entrevistei três ex-alunos, e achei que deveria privilegiar também as meninas, então este ano estou entrevistando duas ex-alunas. Fiquei muito feliz que você aceitou o convite, certo? É um bate papo informal, e você pode contar o que quiser.... parece que você teve uma longa trajetória aqui na escola, você fez o ensino de 1º grau, depois saiu, e retornou e fez o curso de Processamento de Dados. Então você vivenciou muito tempo a trajetória da escola. Então, fique à vontade e pode começar por onde você quiser.

Ana Maria de Sousa Pereira de Freitas (AMSPF): Boa noite, D. Maria Teresa, boa noite Job (Job Alves Brandão Júnior) e a todos que possam vir a assistir um dia. Meu nome é Ana Maria de Souza Pereira de Freitas. Tenho 45 anos, sou casada com Edmar Pereira de Freitas, nós temos um filho de 20 anos, o Matheus Sousa de Freitas, que inclusive ele estuda aqui, faz o Técnico em Recursos Humanos, daqui a pouco ele está chegando pra aula. E assim, o que tenho para dizer, é em especial, neste momento, que me sinto muito honrada em participar deste projeto, para mim é motivo de grande alegria, é imensurável. A sensação e o sentimento de ter sido lembrada, de fazer parte desta história. Bom, vamos começar, então, nosso bate-papo. O Alcídio, ele sempre fez parte da minha trajetória, quando terminei o Ensino Infantil, que cursei aqui no parquinho, na época a gente chamava de Irma (Parque Municipal Professora Irma de Miranda Mello), estudei três anos no Irma, o que não era comum, a minha mãe não tinha com quem deixar, então a escola acabou aceitando, então quando vim para o Alcídio, naquela época, chamava Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Professor Alcídio de Souza Prado, estudei no período da tarde, o primeiro grau inteiro, naquela época é o que corresponde hoje ao Ensino Fundamental, Ciclo I e Ciclo II. Tenho muitas lembranças daquela época, provavelmente não vou lembrar de todas agora, é um bate-papo informal, mas vou falar de algumas coisas que acho interessante, daquela época, me lembro das professoras, do primeiro ciclo, da D. Neusa (Neusa Aparecida Salomão Morandini), deu aula pra gente, da D. Carmen (Carmen Lúcia M. da Silva), inclusive é um prazer quando encontro a D. Carmen, muito carinhosa, muito carinhosas.... e eu posso dizer que fui muito bem alfabetizada, posso dizer com bastante orgulho. Então chegou a parte do ciclo II, e então no 5º ano, eu me lembro, de que, eu acredito que teve, foi quando teve a municipalização do ensino, então as outras crianças dos outros bairros, elas vieram, algumas vieram para cá, para o Alcídio. Então aí surgiram novas amigas, porque no primeiro ciclo a gente já tinha mais ou menos um grupinho, o meu grupinho, hoje posso citar alguns nomes, ou que tenho contato até hoje, ou que a gente se encontra, tem a Paula (Ana Paula Lázaro) da papelaria, o Rogério Rufo, que hoje é padre, a Karina (Karina Motta), posso citar muitas, Kátia (Kátia Daniela Caruso), Daniela,

as Éricas, porque eram duas Éricas (Érica e Érika Rufo), Juliana Patrícia, Juliano Fabrício, que eram dois irmãos, e alguns, eu lembro do Aldo (Aldo de Paula Júnior), lembro do Gustavo (Gustavo Berlocher), eu lembro de várias crianças, e aí veio o pessoal que juntou para fazer o 2º ciclo, e aí veio o pessoal dos outros bairros, do Jardim Cidade Alta, veio da Gruta, eu lembro da Sandrinha (Sandra Geloni), da Heloísa (Maria Heloísa Caldana), da Andreza (Andreza Mian), e a gente fazia amizades muito fácil, veio a Jaqueline (Jaqueline Ribeiro), muito conhecida na cidade, veio a Juliana, e aqui, na hora do recreio, era muito interessante, porque todo mundo fazia amizade, era um clima, a escola proporcionava esse clima de amizade, todo mundo era amigo, foi uma fase muito boa da minha infância, a escola foi um ambiente acolhedor. E eu lembro, se não citei alguns, daquela época, eu gostaria de falar agora que muitos estão no meu coração mesmo, são lembranças que a gente guarda no coração. Na hora do recreio, a merenda era fantástica, tinha as merendeiras, que eram pessoas fantásticas, recordo da D. Rosalina, recordo da D. Maria. Vou citar aqui que a biblioteca, ela era também pra mim como se fosse uma casa, porque eu era praticamente uma, vou falar na linguagem popular, eu era uma rata de biblioteca, eu lia, eu pegava muitos livros, eu vinha quase todo dia na biblioteca. Lembro da D. Iza, acho que um período a Graça substituiu ela.... lembro de alguns nomes. Lembro de chegar aqui, no período da manhã funcionava o 2º grau, e às vezes a gente estava aqui, e a biblioteca era um point, então o pessoal vinha na hora do recreio, e a biblioteca era um clima mais gostoso que tinha, para mim era. Me recordo de algumas outras coisas. Aí do ciclo II, eu lembro, que seria do 5º ao 8º ano, lembro de muitos professores, lembro que a senhora lecionou Ciências para a gente. Lembro da D. Vera Benini (Vera Aparecida Benini), excelente professora de Português, Língua Portuguesa, lembro da professora D. Ana Maria (Ana Maria Boldrin), de Educação Artística, e ela também deu aula de Artesanato, e de Pintura, para a gente, como atividade extracurricular, foi excelente, para minha vida eu aproveitei demais, amo fazer artesanato até hoje. Lembro da D. Laura Putinato (Laura Regina Henrique Putinato), até acho que já comentei com a senhora, que se eu fechar os olhos, vejo ela fazendo o desenho da pirâmide, eu lembro das aulas do período feudal, da reforma protestante, lembro de algumas coisas, sim, não sei como, mas elas vêm como flash na minha memória, lembro da D. Cibele (Cibele Tinazio), quero deixar registrado que foi a senhora que me ensinou Matemática para valer, eram equações gigantescas, e eu só aprendi, com certeza, porque sua dedicação fez toda diferença. Gostaria de falar um pouco de todos, a D. Zaíde (Zaíde Galli da Silveira), nossa, D. Zaíde, que delícia, a D. Teresa (Maria Teresa Vicari Galli Corrêa), professora de Inglês. Então se eu não citei alguns aqui, ah, a Gorete deu aula para a gente, de datilografia, como atividade, como um curso extracurricular, chamava Noções de Datilografia e de Escritório

(Curso Pré-profissionalizante de Serviços Gerais de Escritório). Então a Gorete deu aula, e fez bastante diferença, para mim, lá na frente. Porque quando a gente é criança, você vai agindo, você vai no fluxo, você não tem uma noção exata do que você vai enfrentar lá para a frente. Então a gente vai passando pela vida, e se não fossem os exemplos que a gente tem, tanto dentro de casa, quanto no ambiente escolar, talvez a coisa não corra tão bem quanto esperado... então eu queria deixar um abraço para todos os professores e funcionários da época. O Sr. Adonae (Adonae Rodrigues de Lima), que diretor, meu Deus. O Sr. Adonae era muito especial na escola, todo mundo gostava dele...tinha umas gincanas, eu lembro que uma vez a minha sala ganhou a gincana, nós vencemos, se não me engano, acho que foi no 8º ano. Tenho uma lembrança também de um teatro que a gente apresentou, acredito que foi durante a gincana, e o nosso teatro, a nossa equipe de gincana daquele ano não venceu a gincana, a nossa sala não venceu a gincana, só que acho que o teatro fez um sucesso, porque a D. Ana Maria pediu para a gente apresentar para a escola inteira, então eu lembro disso. Eu era a bruxa no teatro, muito engraçado lembrar, e eu tenho amizade com a fadinha até hoje, que é a Érika (Érika Rufo), inclusive ela é uma fada mesmo. Eu falo para ela, de vez em quando. Eu tenho essas recordações, elas vêm à tona, principalmente depois de nosso primeiro contato, do convite, elas vêm à tona. Aí a gente teve uma surpresa, minha família teve uma surpresa, quando encerrei o Ensino Fundamental, eu ganhei uma bolsa, no CEO Anglo (Centro Educacional de Orlandia- Escola de 2º Grau e Habilitação para o Magistério), era o primeiro ano da escola aqui na cidade, uma escola particular, e aí encaramos o desafio. Eu falo encaramos, porque ninguém faz nada sozinho. Minha mãe concordou, então eu fui para a escola, lá para o Anglo, minha mãe teve uma longa conversa com o Sr. Adonae, e o Sr. Adonae falou que eu podia ir para lá, que estava bem-preparada, e ele sabia realmente o que estava falando. Então o Alcídio no Ensino Fundamental foi crucial, tanto para a minha alfabetização, como para os anos seguintes, que são os anos que a gente começa a adquirir os conhecimentos gerais. Então eu cursei o Ensino Médio como bolsista no Anglo, claro que foi muito importante. Depois eu prestei o vestibular, eu passei na segunda chamada, só que por motivos financeiros eu não fui, não efetivei a matrícula. E aí, queria voltar um pouquinho.... enquanto estudava no Anglo, eu estudava de manhã no Anglo, e à tarde eu trabalhava no Banco do Brasil, eu era menor auxiliar de serviços e aí depois a hora que terminei o Ensino Médio, que eu não fui para a faculdade, terminou o contrato com o Banco, na época, e aí fui trabalhar no Hospital Beneficente Santo Antônio, como auxiliar de recepção. E aí fez a primeira grande diferença, o curso que fiz com a Gorete, de datilografia, com certeza, porque eu tinha de digitar muito rápido, o atendimento tinha de ser bem primoroso. Então, como a minha mente é meio inquieta, ia abrir um vestibulinho

para um curso técnico, aqui então já tinha se tornado uma Etec. Aí, ia ter vestibulinho naquele meio do ano, acho que foi a primeira vez que teve vestibulinho no meio do ano. Eu e as minhas amigas, como tenho a mente inquieta, vamos fazer o curso, vamos fazer o vestibulinho, vamos ver no que dá.... aí, seis meses sem estudar, imagina.... aí a gente veio, fizemos o vestibulinho, passamos todas uma atrás da outra, na lista, e viemos para cá...

MTGM: Todas juntas de novo...

AMSPF: É, esse grupinho já era de praticamente de lá de baixo, mas aqui encontrei, fiz amizade, na minha turma, à noite, no curso de Processamento de Dados que a gente cursou, era noturno, e na minha turma estava a Viviane, eu lembro da Vivi (Viviane Chediak Barbarossa), irmã do Duzão (Eduardo Chediak Barbarossa), e o Duzão dava aula para a gente, era um dos professores, ele dava aula de COBOL, olha o nome da linguagem de programação. Lembro dos outros professores, lembro do Edinho (Edson Junqueira), do Serginho (Sérgio da Silva Costa), do Aguinaldo (Aguinaldo Buck), do Ronaldo (Ronaldo Muniz de Castro), lembro da Lucimara (Lucimara Ivizi Buck), da Andréia (Andréia Cristina Neto Pereira), então eles eram todos novinhos, começando a carreira docente. Aí a gente terminou o curso aqui, daí uns anos, eu me casei, em 2000. Em 2002, nasceu o Matheus (Matheus Sousa de Freitas), e por um tempo, o sonho do curso superior ficou adormecido. Aí, algum tempo atrás, decidi que era hora de eu fazer, de qualquer jeito, mesmo se fosse à distância, então cursei Pedagogia à distância, fiz até uma pós graduação em Educação Especial, e o Alcídio, ele fez toda a diferença para mim, porque se eu não tivesse tido contato com os computadores, porque o curso de Técnico em Processamento de Dados naquela época, era uma oportunidade, porque não era todo mundo que tinha computadores em casa, parece uma coisa meio, que estou falando da época dos dinossauros, mas naquela época quase ninguém tinha computador, quase ninguém tinha acesso à Internet, a Internet era uma grande incógnita, era caro para ter. Então foi uma oportunidade o curso de Técnico em Processamento de Dados naquela época. E aí, você pensa, onde vou usar isso e aí veio...imagina você estudar à distância, fazer uma faculdade, e as matérias eram maçantes, era tudo digitalizado, é bem complicado estudar à distância, não é tão simples, para a gente que já tem assim, uma certa idade. Então fez muita diferença, assim na minha desenvoltura...eu consegui mais porque eu já tinha tido assim um certo contato, me ajudou bastante. E aí, eu concluí a faculdade, a pós-graduação, e aí veio...recentemente fui convocada, e não deu muito certo, (risos) porque sou Pedagoga, mas não sou professora. E aí, eu resolvi ficar no meu negócio mesmo. Eu

julguei que fosse um momento de escolha, que fosse a escolha. Este foi um desafio, eu que tive de aceitar e enfrentar.

MTGM: São caminhos que vão se abrindo...

AMSPF: São escolhas...e assim, tenho recordação do Alcídio também, estava tentando lembrar...eu sempre venho aqui, porque voto aqui e sempre vejo o avanço da escola, acompanhei o avanço. Meu marido vota aqui, e agora o Mateus tirou o título de eleitor e também vota aqui. Da última que não teve aqui por que a escola estava em reforma, então a gente está sempre na escola. O Edi (esposo) fez dois cursos técnicos aqui, o de Administração e o de Processamento. Então a escola, é difícil....eu trabalhei no Hospital, e lá o pessoal, teve uma época que começou a exigir o curso técnico, e a escola foi muito, foi crucial naquele momento. Imagina você, vários profissionais que já estavam trabalhando na área, já tinham experiência, já sabiam o serviço...e aí veio a escola para dar o aparato, não só o diploma, para dar o aparato a esses profissionais, eu acompanhei isso lá no hospital, o pessoal voltou a estudar, por conta que colocou o curso aqui, na cidade foi muito importante...

MTGM: Você está se referindo ao curso de Técnico em Enfermagem.

AMSPF: Ao curso de Enfermagem. Aqui em Orlandia é muito difícil você não conhecer alguém, você não ter algum amigo, alguém da família que não tenha estudado algum curso aqui no Alcídio, tem sempre alguém, é o sonho, acho da garotada, vir para cá, cursar o médio junto com o técnico, aqui no Alcídio. E venham, é uma escola acolhedora, venham para cá.

MTGM: Eu queria perguntar para você como que eram as aulas de laboratório, naquela época, no curso de Processamento, existia condição, era complicado, não tinha computadores para todo mundo, era uma adaptação...

AMSPF: Era assim, eu me recordo, acho que eram dois laboratórios, e a gente, era assim, eram dois alunos para cada computador, eram aulas tranquilas, os professores tinham muita paciência com a gente. E eram aulas bem tranquilas e dinâmicas, eu lembro que a minha turminha era mais rápida na digitação, não que isso fosse uma competição, mas a gente adorava quando falavam que ia para o laboratório. Era o que a gente mais queria, era a hora que falava assim, vamos para o laboratório, hoje vai ter aula no laboratório, a

gente queria ir, de qualquer jeito, a gente falava entre nós CPD. Hoje vai ter aula no CPD. A gente ficava mais animadinho, e era muito bom.

MTGM: Você, assim como a Paula, que esteve aqui ontem, ela fez tanto curso, tanto curso aqui, que eu falei assim que ela foi uma aluna intensa..., mas você também foi, aproveitou tudo que a escola poderia oferecer na época, Datilografia, a parte artística...

AMSPF: Sim, ela é da casa...sim, uma delícia, nossa, é ótimo lembrar de tudo aquilo, interessante que eu coloquei meu marido também para estudar, porque ele não tinha terminado o Ensino Fundamental, quando ele veio de Goiás, veio com ensino fundamental incompleto, então tinha um curso Supletivo aqui no Iracema (EEPG Professora Iracema Miele), à noite, e aí eu falei, nossa você vai terminar, aí ele terminou, pegou gosto, ele e um amigo dele, e pus todo mundo para estudar, e eles vieram para cá, eles fizeram o vestibulinho, e vieram aqui para o Alcídio, e depois que ele fez o Médio com Processamento de Dados à noite, era à noite, também fez Administração aqui. Então além de eu fazer parte da casa, eu também encaminhei, para que ele também fizesse parte da história, e fez muita diferença.

MTGM: Todos fazem parte da família Alcídio.

AMSPF: Sim, todo mundo faz parte. Meu irmão também estudou aqui, porque na época, eu lembro que só tínhamos nós quatro, os mais velhos, nós somos em seis filhos, somos os quatro mais velhos, e a Josi (Josiane Aparecida de Sousa), que foi professora aqui, ela tinha acabado de nascer, quando vim para cá. Nós temos seis anos de diferença, então o que minha mãe fez? Ela colocou duas de manhã na Irma, eu e meu irmão aqui no Alcídio, à tarde, para que sempre tivesse alguém em casa, para ajudar. E aí eu lembro que eu e meu irmão, ele também estudou à noite, fez Técnico em Contabilidade, por isso que estou falando, se a gente fica conversando, a gente fica até amanhã, porque as lembranças vem, e eu lembro que a turminha do meu irmão ia lá para casa, na hora do recreio, porque a gente morava no Mariotto (Jardim Anhanguera), eles iam lá em casa na hora do recreio ou então na aula vaga, e eu via que eles estudavam à noite, eles eram tão felizes, estudando à noite, e eu falei que um dia eu ainda ia estudar à noite, porque pensei que ia fazer o Médio, mas aí não, eu dei uma desviada, fui para outra escola, mas depois eu retornei, o bom filho à casa torna.

MTGM: A escola sempre procurou oferecer as ferramentas, as habilidades que a pessoa pode carregar para o resto da vida. É só ela aproveitar a oportunidade, e não deixar passar.

AMSPF: Sim, é muito bom isso. Eu gostaria de deixar aqui já, vou começar a falar para os jovens aproveitarem, porque a melhor etapa da vida da gente é essa, se eu pudesse voltar, eu retornaria nos anos noventa, com certeza (risos). Mas como não é possível, vamos aperfeiçoando.

MTGM: Também a gente era mais jovens, tem esta diferença. Agora eu queria que você contasse, em relação a sua trajetória profissional. Você já trabalhou no Banco do Brasil, como estagiária, já trabalhou no hospital, (Hospital Beneficente Santo Antônio) e depois continuou estudando...

AMSPF: Bom, eu me recordo, que todas as férias, acho que do 7º para o 8º, do 8º ao Ensino Médio, eu trabalhei em loja, nas férias eu trabalhava em loja, e aí depois eu tinha prestado esse concurso, foi uma provinha, fui trabalhar no Banco do Brasil, eu fiquei lá dos 14, quase aos 18, já tinha completado 14, quase 15, fiquei até os 18 (anos), e aí depois terminou o contrato, e aí fui trabalhar no hospital, como auxiliar de recepção. Até então, tinham me falado que o hospital estava precisando de telefonista, e eu pensei, não sei muito bem o que tinha de fazer, mas vamos lá. Preenchi uma ficha, não tinha currículo, você sentava lá, em uma cadeirinha, preenchia a ficha ao vivo, preenchi a ficha sem muita esperança, porque afinal de contas eu não tinha experiência, e aí fui chamada, só que olha, nós temos vaga sim, mas como auxiliar de recepção, então vamos tentar. E aí trabalhei na recepção do hospital, depois fui para o escritório, do escritório fui para o arquivo, do arquivo voltei para o escritório, e depois eu pedi para voltar para a recepção, porque tinha casado, e eu queria trabalhar em horários alternativos, para poder cuidar da casa. O tempo foi passando, o Matheus, eu casei em 2000, como eu disse, o Matheus nasceu em 2002, e aí fui ficando um pouco cansada dos plantões. O interessante, quando a gente volta lá no passado, é que, como o meu marido trabalhava com manutenção de jardins, ele já tinha uma pretensão de montar um negócio nesta área. Então a gente sempre quando conversava a respeito, ele falava assim, a hora que fizer a casa, vou fazer uma casa pequena, para sobrar um espaço, porque tenho minhas plantas, eu tenho de cuidar delas, e depois também se resolver montar negócio nesta área, já vou ter o espaço. Então existia já este sonho, esta pretensão, se é que posso falar pretensão, acho que sonho fica mais bonito, fica mais poético. Então, eu lembro que quando saí do hospital, eu fui dispensada, eu estava muito cansada, tinha muita amizade, lá e tal, então cumpri todos os trâmites, e

agora, e “Agora José”, o que nós vamos fazer, porque tinha de ter renda, então eu me vi meio que sem saída, e tive que colocar a cara, tive de ter coragem de começar. Então interessante que eu saí em setembro, outubro, setembro, e aí, quando foi em fevereiro do ano seguinte, que era 2004, que a floricultura acho que fez 18 anos, este ano, em fevereiro.

MTGM: Que beleza!

AMSPF: A primeira vez que abri a porta, eu disse, isso aqui, vai ser uma floricultura. Não tinha mercadoria, e o detalhe, eu acho que a palavra não é engraçada. Eu acho que é trágico mesmo. Eu não conhecia nada de plantas, nada, nada, nada, quem conhecia era meu marido, e ele não podia parar de trabalhar com a manutenção, e eu disse: coragem, aprenda e toca, vai ter de dar certo. Então, cara e coragem, e vamos começar. Fiz amizade com uma moça de Ribeirão, ela me deu um curso a respeito de embrulhos, de arranjos, estas coisas, e a gente começou devagar, começou a colocar um pouco de mercadoria, não tinha muito dinheiro para investir, e era tudo muito simples, e aos poucos as coisas foram meio que, de maneira natural, e vagarosa, se encaminhando, foi tudo meio se encaminhando. O Matheus foi crescendo, depois teve uma fase, eu lembro de uma fase, de atender vários clientes, que tenho desde aquela época, que acompanharam inclusive o crescimento do Matheus, ele tinha quase dois anos, quando a gente abriu, eu lembro de atender com o Matheus no colo. E eu fazia tudo dentro de casa, então na realidade, era um ramo que eu falo que é um ramo à parte, porque tipo assim, eu trabalhava fora e dentro, ao mesmo tempo.

MTGM: Jornada dupla.

AMSPF: Jornada dupla, e ao mesmo tempo, e era uma loucura, cuidar de casa, filho e ainda fazer atendimento, só que naquela época, eram menos clientes. Aos poucos que foi aumentando, demorou bastante. E aí a gente enfrentou alguns desafios, do tipo, o nosso ponto não era legal, a gente sempre teve consciência disso, que era longe do centro, tipo assim, algumas pessoas, alguns amigos e algumas pessoas da família, acho que eles pensavam que a gente estava ficando louco, a minha mãe falava assim, eu não acredito que você vai largar emprego de carteira registrada, você está ficando louca, minha filha...então a gente enfrentou muitos desafios, mesmo, pode parecer que foi pequeno, só que eu acho que naquela época eu não tinha muita noção, com exatidão, do que que era, eu sabia que muita gente quebrava, logo de cara, tipo nos primeiros cinco anos, eu sabia que havia uma porcentagem nada animadora de negócios que fechavam. Então, eu abri

mão de muitas coisas, abri mão de vaidade, em todos os sentidos, e me dediquei. Então eu tive de aprender desde o nome das plantas, o que elas gostavam, eu observava muito, era muita observação, às vezes meu marido chegava, e no final da tarde, ele me ajudava a atender alguém, então eu sempre prestava atenção no que ele estava falando. Então eu tive assim, eu me apoiei nele, na figura que ele é, o que ele representava, no que ele sabia. Então nesse sentido foi fácil e difícil ao mesmo tempo, porque nós tínhamos o conhecimento, mas nós não tínhamos o investimento, nós não tínhamos o dinheiro para investir, até hoje estou tentando sanar isso. Porque as coisas, elas vem, acontece um problema, já vem outro em seguida, porque a vida de adulto é assim, ninguém fala para a criança, para o adolescente, mas a vida de adulto é um problema, você mal resolve ele, já vem outro, e já vem outro, e a vida pessoal vai junto, e aí você vai driblando tudo isso, eu me lembro que teve alguns acontecimentos, do tipo, o meu ramo, posso dizer, é peculiar, e ao mesmo tempo ele tem suas sazonalidades, chega no meio do ano, que é a época da seca, a época de frio, o movimento cai, então ao longo do tempo, a gente foi observando isso, e você puxa o freio. Acredito que é igual ao dono da sorveteria, chega no meio do ano, você dá uma puxada, porque senão a coisa descamba. E devagar, com muita dedicação, a gente foi tocando, e a gente foi chegando num ponto que estava razoavelmente bom, e aí ... colocaram flores nos supermercados, (risos) na hora que eu já estava adquirindo uma clientela legal, que eu gostava de fazer ramalhetes, gostava de entregar ramalhetes, porque eu gostava de ver a reação da pessoa, entendeu? Eu pegava um pouquinho daquela reação para mim. Então eu gostava.... e aí eu tinha também de sair muito para fazer as terapias do Mateus. Na época, ele fazia muitas terapias, era a semana inteira, cada dia ele tinha algum compromisso. Então na parte da tarde eu ficava um pouco ausente, e aí ao mesmo tempo, veio, caiu de para quedas, no nosso ramo, a situação, das flores nos supermercados. Como você concorre com aqueles preços, não tinha como, então fui meio que recuando, recuando, até que eu parei de trabalhar com esta parte de embrulhos, de presentes, eu fui parando aos poucos, e a gente pendeu mais para o lado, que costumo falar, que é o lado rústico, o lado do jardim, o lado que são as vendas diretamente com o público, mas assim, voltado para a jardinagem, voltado para jardinagem, voltado para plantas, vasos, eu falo que é a parte bruta, nós largamos a parte de embrulhos, a parte mais delicada, e ficamos com a parte bruta. E a gente decidiu focar, aí o Edi parou de trabalhar na manutenção, e a gente focou no atendimento ao cliente. A gente, meio que fizemos uma reunião de dois, (risos) então focamos no atendimento ao cliente. E a gente percebeu que, quando o cliente se sente acolhido, e ele enxerga a sua verdade, que é o que você gosta de fazer, você quer o bem da pessoa, e da plantinha também, porque eu explico do que que a planta gosta, não quero que nenhuma planta

morra, quero deixar claro aqui, então a gente gosta do que faz, quando você gosta, e existe um marco para mim, pessoalmente, não para meu marido, mas para mim, que a partir do momento que eu percebi que eu gostava mesmo, que foi, que caiu a minha ficha – Ana, você gosta disso, você gosta, aí começou a andar melhor, é isso aqui mesmo, é isso aqui mesmo. É o que eu me via fazendo quando ficasse mais velha, acho que vou ficar aqui, no meio das plantinhas, vai dar tudo certo, vou lutar, acho que vou ficar aqui. O tempo foi passando e tal, e nós estamos aí, então foi assim, a gente teve, falo que foi um desafio essa parte, de ter de fazer esta escolha, mas aí você vai vendo que na vida é feita de escolhas, e você tem de ter um propósito, a escolha tem de estar embutido o propósito, o seu propósito de vida, você tem de acordar pensando no seu propósito, se você não tem um projeto para a vida, um projeto para aquele dia, aquele dia tem que ser bom. Aquele dia tem de ser bom, não só em venda, ele tem de trazer alguma coisa de volta. Os meus clientes não sabem, não sabem disso, mas eu, ao mesmo tempo que atendo, quando atendo eles, eu pego alguma coisa de volta, entendeu. Eu aproveito, quando o cliente me dá uma brecha, eu gosto de fazer troca, eles sempre me dão alguma coisa, às vezes passa uma semana, e tal, e eu pego alguma coisa em troca, com algum atendimento eu pego alguma coisa para mim, e aí eu guardo para minha vida. É um ramo muito especial, é muito bom, eu pego sempre alguma coisa em troca. Eu aprendi que esse era o caminho para eu continuar gostando do que estava fazendo, eu pego alguma coisa em troca, da pessoa.

MTGM: Então, mas você foi adquirindo ferramentas durante sua vida...

AMSPF: Sim, sim.

MTGM: Seja trabalhando no hospital, trabalhando no banco, é tudo atendimento ao público. Trabalhando nas férias, em loja, você tem aquela lida, você adquiriu a lida de lidar com o público. Eu falei ontem para a Paula, que, se eu precisasse vender alguma coisa para viver, eu morreria de fome, porque não tenho um pingão de talento para isso.

AMSPF: Não, estes dias, eu gosto muito de assistir TED - <<https://www.youtube.com> > watch> adoro, praticamente me viciiei, e ouvi uma colocação... mas faz sentido? Faz sentido...é a questão da coragem, não no sentido de você ter bravura, de estufar o peito e ir, não nesse sentido, porque, depois eu fui ler a respeito. A palavra coragem, veio para nós de presente da língua francesa, que é courage, e ela deriva de cor, que é coração. Então é como se você...e a colocação que ouvi, é agir com coragem, agir com o coração. Então o que você precisar fazer na sua vida, se você agir com foco, coragem, propósito,

tentando fazer as escolhas certas, com fé, consegue. Se a senhora quiser vender alguma coisa algum dia, a senhora vai conseguir, tenha certeza. Porque a senhora lida com alunos, lidou com alunos, lidou com uma sala cheia de alunos a vida inteira. Eu não consegui.

MTGM: Mas cada pessoa tem seu talento.

AMSPF: Eu tentei pouco, eu tentei pouco, eu desisti no começo, mas assim, se a senhora precisar vender alguma coisa, a senhora consegue sim, pode ficar tranquila.

MTGM: Talvez porque também nunca tenha sido necessário.

AMSPF: Sim.

MTGM: Sempre tive outro tipo de atividade, sempre foi o Magistério, desde que me formei, continuei minha vida toda, esse é o meu caminho.

AMSPF: Sabe, eu acho que cada um no seu ramo, porque a gente não precisa ser bom em tudo, a gente tem de bom pelo menos que a gente gosta, atingir nível de excelência, já é outros quinhentos. Mas todos nós estamos a caminho. Na nossa trajetória, cada um tem sua história, e ela está sendo construída a cada dia, e na hora que você acorda, você tem de decidir, e aí, o dia vai ser bom, vai ser ruim? Porque tem gente que depende da gente, a gente acha que não, mas as pessoas ficam de olho. E a gente acaba sendo, não digo exemplo, mas as pessoas se espelham um pouco nas nossas atitudes. Mas se a gente pensar bem, todos os dias, a gente já teve momentos que eu não atendi tão bem (risos).

MTGM: Mas também existiram dias também que não dei a minha aula ideal, por várias razões.

AMSPF: E a gente tem de escolher no começo do dia, eu falo que é os três primeiros minutos, e a gente tem de decidir, acordo ou não acordo, levanto ou não levanto? Naqueles três primeiros minutos você já decidiu...Você já levantou ? Vamos, coragem!

MTGM: Então, mas falando da sua vida profissional atual, é muito interessante a gente destacar a parceria que existe entre você e seu marido, e você assumiu o ramo dele, sem conhecer nada.

AMSPF: Louca....

MTGM: Mas eu acho que a mulher, ela tem uma capacidade muito grande de se moldar, de se adaptar....

AMSPF: Sim, somos multitarefas.

MTGM: Também achei muito interessante a escolha, que vocês fizeram de definir, de maneira mais afinilada, o tipo de atividade que queriam exercer, trabalhando com plantas. É floricultura que chama lá?

AMSPF: No começo, a gente acabou que ficou floricultura mesmo, é o que fica na cabeça da gente, hoje se chama *garden*, mesmo que seja pequena.

MTGM: Que chique!

AMSPF: Mas é floricultura, mais voltada para viveiro de mudas, mesmo, porque a gente trabalha mais com a parte mais rústica. Mesmo assim, o nome sempre foi Casa Flora e Floricultura, eu deixei. Até o nome é engraçado, o pessoal, porque algumas pessoas pensam que eu chamo Flora, e eu nunca corriji. Algumas pessoas, - seu nome é Flora mesmo? Algumas pessoas me chamaram, chegaram a me chamar de Flora, e eu não corriji, porque eu acho bonito. Mas chama Casa Flora porque eu precisava trabalhar em casa, que era praticamente em casa, e era uma flora, era uma floricultura, então aí ficou Casa Flora. E já faz um tempão isso, e hoje eu vejo assim, como eu disse, eu atendi muitas vezes com o Matheus no colo, o Matheus fazia muita arte na floricultura, de vez em quando aprontava alguma arte ali, durante o atendimento. Hoje ele ajuda a gente, lá na floricultura, ele trabalha com a gente, ele ajuda o pai dele lá no viveiro, que a gente recebe a mercadoria no outro espaço que tenho, e depois leva para a floricultura, porque não cabe tudo lá, esse também é um de nossos desafios, falta de espaço, porque planta quanto mais espaço, melhor. Mas a gente tem um espaço limitado ali, ele ajuda o pai dele, e depois me ajuda também, com o atendimento. E eu espero, que com o passar do tempo, quem sabe, um dia, ele consiga dar um seguimento, que ele consiga, afinal de contas. Mas acho que ele ainda não entendeu, se ele gosta ou não. Porque para mim, este foi um divisor. Gosta ou não? Se gosta, né Ana, então fica. É isso que você quer fazer. Eu vejo nele ainda que ele ainda não se definiu, mas espero que um dia isso aconteça.

MTGM: Tanto que você recentemente você fez outra escolha, na questão de permanecer ali.

AMSPF: Foi difícil para mim, porque eu queria também tentar, mas percebi uma coisa, se eu ficasse, se eu aceitasse ser professora, isso envolvia muitas coisas para mim, envolvia não só a questão de ser professora, eu queria ser professora com um propósito, eu queria que tivesse sentido, e eu vi que não ia ter tanto sentido como pensei, acho que tinha uma visão muito poética, como fui muito bem educada aqui no Alcídio, com professores excelentes e tal, eu queria que tivesse sentido, eu queria que tivesse um propósito, eu vi que não ia dar certo, na minha cabeça pensei, vou trabalhar de manhã na floricultura, à tarde vou dar aula, vai ficar tudo certo, e não é assim. Eu tive que escolher entre um e outro, ou eu fazia bem um, ou fazia bem o outro. E como ali foi cria nossa, eu preferi ficar ali, mas foi bem difícil, eu não quis deixar mesmo, porque dá uma sensação que eu ia abandonar, e se desse alguma coisa errada...porque a gente sabe, que o professor tem que se dedicar.

MTGM: E uma coisa que não aparece muito, é o tempo que a gente investe no preparo das aulas, fora do horário de aula. Ia sobrar menos tempo para você se dedicar.

AMSPF: É, eu vi que ia ficar esgotada, porque eu gosto de fazer as coisas bem-feitas, eu tento, pelo menos, eu vi que não ia dar certo as duas coisas, não. Então aí, eu preferi ficar. Algumas pessoas vão dizer que foi comodismo, ah, porque foi mais confortável, ah, algumas pessoas podem encarar que não tive coragem, outras podem dizer, nossa, que coragem, deixou um cargo. Então foi bem doloroso, fazer esta escolha, porque quando prestei o concurso, é claro que me dediquei na prova, mas até chegar o momento de desistir mesmo para valer, de ter o fato de ter a convocação, e aí aconteceu a convocação, e aí eu falei, vamos tentar. Mas é isso aí, cada um no seu quadrado.

MTGM: Procurando fazer o possível.

AMSPF: Procurando fazer o que for possível, na melhor forma que me cabe. Então preferi ficar na floricultura, foi o mais recente. Até agora não me arrependi.

MTGM: A floricultura, ela sempre funcionou ali?

AMSPF: Sempre foi ali, então há 18 anos atrás, era um lugar que não tinha muitas casas, não tinha...

AMSPF: Olha, quando a gente fez a casa ali, eu lembro que tinha na época, o pessoal ali da oficina de cima estava construindo, quando a gente fez a casa. Quando abri a floricultura, acho que já tinham terminado a construção já estava funcionando. E tinha três casas virando, e tinha aquela parte que tem a igreja também, acho que tinha umas duas ou três casas ali. Mas era uma rua muito movimentada, por isso que a gente imaginou, já naquela época já era muito movimentada, por isso que a gente imaginou que fosse dar certo, e a gente arriscou. E hoje, eu acho que é a rua mais movimentada da cidade, que é a única que cruza, é um caminho, o pessoal, ali está difícil, está bem movimentada. E aí deu certo, o ponto a gente criou.

MTGM: E ao mesmo tempo, é um lugar privilegiado, de estar perto do espelho d'água, bem arborizado.

AMSPF: No meio da cidade, porque ali estou no meio, apesar de não estar no centro, na questão de se locomover, de fazer entrega, alguma coisa assim, é mais perto dos bairros, acho que neste ponto funcionou bem, hoje. Mas naquela época era uma incógnita.

MTGM: Vocês também jogaram meio no escuro.

AMSPF: Tinha tudo para dar errado, até quando veio o convite, porque tem essa questão, quando a gente fala de coisas nossas, porque como eu disse, são coisas que estão guardadas no coração, na memória e no coração, e a gente tem de se abrir, e a questão de se tornar mais vulnerável, é muito difícil, é como se você abrisse a sua caixa de Pandora, só que ao mesmo tempo, a gente retorna lá atrás e vê a evolução, nossa, hoje...Mas ainda não falei do meu desafio, meu desafio atual, que coloquei na minha cabeça, é informatizar lá, porque ainda estamos na era analógica, manual, então ainda eu ainda vou conseguir (risos).

MTGM: Então este é o seu próximo desafio.

AMSPF: Sim, está sendo o atual, eu vou conseguir, vou chegar lá, meu desafio atual, de uma maneira mais simples, mas eu vou conseguir.

MTGM: É uma trajetória, que vocês vão, aos poucos, você vai conseguindo novas oportunidades, e depois novas vão surgindo, e a vida é assim, foi o que você disse.

AMSPF: E com bastante positividade também.

MTGM: Sabe, que todos os ex-alunos que eu convidei, eu fiquei assim, fui surpreendida de uma maneira assim muito positiva, porque todos aceitaram o convite de uma forma tão feliz, e todo mundo se sente bem de contar, de falar sobre a escola, da época, é uma coisa interessante, que a gente às vezes não dá valor. De repente pensava assim, vou convidar uma pessoa que nem conheço direito, vou chegar lá e de repente. Mas sempre fui tão bem acolhida.

AMSPF: Como a senhora disse, é uma coisa valorosa, porque ao longo da vida a gente percebe que tem coisa que custa caro, e tem coisa que tem valor. E o que tem valor, ninguém te tira. Então, é por isso que a maioria deve ter dito, nossa, quanta honra. É um misto de sensações, de sentimentos, no começo quando a Josi tocou nesse assunto comigo, eu falei, Josi, por que eu? Tem tanta gente melhor que eu.

MTGM: Porque você é uma ex-aluna com perfil empreendedor.

AMSPF: Eu fiquei pensando, mas porque não eu, porque aqui eu gostaria de deixar claro, é lógico que tem mais alunas empreendedoras, vou falar o popular, tem alunas que deram mais certo, do que eu, do ponto de vista financeiro. Mas aqui estou representando meus amigos daquela época, então eu gostaria que ficasse claro aqui que estou muito feliz, me sinto muito honrada mesmo. As lembranças vieram, nossa, muito legal lembrar de tudo, lembrar de viagem que a gente fez para São Paulo, muito bom lembrar, visitas à Coca-Cola...gente, eu não tenho aquela garrafinha, devia ter guardado...se alguém quiser me dar...você tem, Job, aquelas garrafinhas? Eu não tenho nenhuma.

MTGM: Então, para finalizar, você quer deixar uma mensagem para quem for ver a sua entrevista, ou para os alunos de hoje, que acho tão importante.

AMSPF: Sim, gostaria de fazer até um pedido, aproveitem a oportunidade, aos novos alunos, aos futuros alunos, venham para a Etec, aqui como eu disse, é um ambiente acolhedor, aproveitem a oportunidade, porque esta é a melhor fase da vida de vocês, tenham um propósito, estudem, aproveitem, aproveitem da companhia dos pais de vocês,

pais dão conselhos, e professores também, aproveitem estes conselhos, tenham foco, tenham firmeza, acreditem nos seus sonhos, e sejam felizes. Sejam vocês, do jeitinho que vocês são, sejam felizes. É isso.

MTGM: Muito obrigada viu, você falou muito bem, você apresentou um panorama bem real daquela época de ex-aluna, foi um grande prazer a gente conversar.

AMSPF: Desculpe a emoção, eu que agradeço, obrigada, viu Job.

Descritores

História oral na educação

Empreendedorismo

Maria Teresa Garbin Machado

Ana Maria de Sousa Pereira de Freitas

Técnico em Processamento de Dados

Técnico em Administração

Técnico em Contabilidade

Ensino Profissionalizante de Pintura e Artesanato

Ensino Profissionalizante de Noções Gerais de Escritório e Datilografia

Ensino de Primeiro Grau

Curso de Proteção contra Incêndio e Salvamento

Curso de Habilitação para o Magistério

Centro Educacional de Orlândia- CEO

ETEPSG Professor Alcídio de Souza Prado

ETESG Professor Alcídio de Souza Prado

ETE Professor Alcídio de Souza Prado

Centro de Memória

Trabalhos Manuais

Floricultura

Merendeira

Biblioteca

Ensino Fundamental

Menor Auxiliar de Serviços

Auxiliar de Recepção

Banco do Brasil
Supletivo
Ensino Médio
Viveiro de mudas

Dados Biográficos da Entrevistada



Ana Maria de Sousa Pereira de Freitas, fotografia cedida pela entrevistada.

Ana Maria de Sousa Pereira de Freitas tem 45 anos, é casada e proprietária da Casa Flora floricultura, em funcionamento desde fevereiro de 2004. Com formação superior em Pedagogia pela Universidade Paulista – UNIP (concluída em 2018), é pós-graduada desde 2020 em Educação Especial e Inclusiva, com ênfase em Deficiência Intelectual e Múltipla. Frequentou o 1º grau, de 1984 a 1991, na EEPSP e EESG Professor Alcídio de Souza Prado, e vários cursos profissionalizantes (Proteção contra Incêndio e Salvamento, Pintura e Artesanato, e Noções Gerais de Escritório e Datilografia). Concluiu o 2º grau e Formação para o Magistério no Centro Educacional de Orlandia (CEO), e Técnico em Processamento de Dados, de 1995 a 1997, na ETE Professor Alcídio de Souza Prado, de Orlandia.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Teresa Garbin Machado nasceu em Orlândia, em 15 de junho de 1952. Professora aposentada de Ciências Físicas e Biológicas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo desde 2001, é Mestre em Educação, pelo Centro Universitário Moura Lacerda, em Ribeirão Preto (2007) e Doutora em Educação Escolar, na área de História da Educação, pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAR) - Unesp (2014). Atualmente aposentada, atua como pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza – GEPEMHEP, sob a coordenação da prof. Dra. Maria Lúcia Mendes de Carvalho. Tem experiência em Pedagogia, Biologia e História da Educação, com publicação de artigos e participação em eventos científicos a respeito da história do ensino Profissional.

Endereço da plataforma lattes: <http://lattes.cnpq.br/2962406180133913>

Anexos (documentos sigilosos que não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão de Direitos Autorais de Ana Maria de Sousa Pereira de Freitas

Termo de Autorização para uso de Imagem de Ana Maria de Sousa Pereira de Freitas

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Ana Maria de Sousa Pereira de Freitas